

QUEM TEM MEDO DA METONÍMIA?

Gustavo Bernardo

E da metáfora? E da ironia? Essas três figuras de linguagem são *arroz de festa* nas aulas de português e nas provas do vestibular. O *arroz de festa*, por sua vez, que já existiu mas praticamente não se vê mais, persiste como metáfora daquelas pessoas que estão em todas as festas, sejam ou não convidadas. A expressão *arroz de festa*, explico para os novinhos, se refere a uma gulodice portuguesa conhecida como “arroz doce”.

Na metonímia, na metáfora e na ironia, transporta-se, como diria Aristóteles, para uma coisa o nome de outra coisa. Essa é a definição aristotélica de metáfora, mas serve bem tanto à metonímia quanto à ironia. Nos três casos, para simplificar, dizemos uma coisa querendo dizer outra.

Por quê? Porque a metáfora é a *mãe* (outra metáfora) não apenas de todas as figuras de linguagem, mas também de toda a linguagem. As palavras com que designamos as coisas e as pessoas não são nem as coisas nem as pessoas: as palavras estão no lugar das coisas e das pessoas. Logo, as palavras já são metáforas.

Por quê? Porque não temos acesso pleno e direto às coisas e às pessoas. Nosso acesso, sempre indireto, se dá através das linguagens em geral, das línguas em particular, as quais, por sua vez, se constroem metaforicamente desde o princípio dos tempos, usando palavras-coisas no lugar de outras coisas, a saber: das coisas-em-si, ou seja, da essência das coisas.

A metonímia, foco deste artigo, também substitui um sentido por outro, mas mantendo uma relação de proximidade entre eles. Quando digo que *bebo um copo de leite*, a rigor, não bebo um copo, bebo somente o leite que estava no copo. Quando peço que *respeitem os meus cabelos brancos*, a rigor, peço que respeitem a minha velhice, da qual os cabelos brancos são apenas consequência. No primeiro caso, substituo o conteúdo (o leite) pelo continente (o copo). No segundo caso, substituo a consequência (os cabelos brancos) pela causa (a minha idade).

Na metonímia, um termo substitui outro não porque enxergamos semelhança entre os elementos que ambos os termos designam, quando nos expressaríamos através de uma metáfora, mas sim vislumbrando uma relação de contiguidade entre o sentido de um termo e o sentido do termo que o substitui.

Metáforas, metonímias e ironias não são ocorrências exclusivas dos livros didáticos e das gramáticas. As metáforas, as metonímias e as ironias estão por toda a parte, em níveis diferentes: desde os ditados populares até os pensamentos mais elaborados. Na verdade, metáforas, metonímias e ironias fazem parte da linguagem do mundo: não falamos em “ironia do destino”, como se o destino fosse uma pessoa rindo da cara da gente?

Alguns gramáticos dizem que a função principal da linguagem figurada é a de provocar uma surpresa no leitor, fazendo com que ele preste atenção não somente no que o autor diz, mas em como construiu o texto. Essa observação é interessante, porque mostra que as figuras de linguagem não são apenas enfeites ou ornamentos, mas também *despertadores* (mais uma metáfora) da consciência dos leitores, acordando-nos para a riqueza, a pluralidade e a complexidade, tanto da linguagem, quanto do mundo.

A função *despertadora* das metonímias, por sua vez, fica ainda mais clara quando percebemos que elas não se restringem a palavras e frases: muitos gestos são igualmente metonímicos. Na cultura árabe, por exemplo, o gesto de mostrar a sola do sapato para outra pessoa, ou mesmo de jogar o sapato nessa pessoa, implica insulto gravíssimo. A associação metonímica se dá com a sola do sapato, a parte do calçado que encosta na sujeira contida no chão. Por isso, na cultura muçulmana, os sapatos são proibidos de serem utilizados nas mesquitas.

O que dizer, então, de mostrar para alguém o dedo médio, ou dedo do meio, na maior parte do mundo ocidental? O gesto, em si mesmo inócuo, está no lugar, metaforicamente, de outro gesto: o de enfiar o dedo médio, ou seja, o maior dos dedos... naquele lugar que todo mundo sabe qual é.

Os dedos que ficam ao lado do dedo médio, entretanto, servem a gestos metonímicos. O dedo indicador é assim chamado não porque ele tenha essa função biológica, mas porque nós o usamos para apontar para as coisas, enquanto o dedo anelar serve para colocar, justamente, o anel de noivado ou de casamento.

A querida leitora e o querido leitor talvez esperem que eu passe a listar vários exemplos soltos de metonímia. Entretanto, é o que estou tentando não fazer, porque não compreendemos a metonímia e as demais figuras de linguagem, bem como qualquer conteúdo programático, apenas decorando listas de frases soltas e descontextualizadas. A compreensão da metonímia é, na verdade, da ordem da sociologia e da filosofia: ela nos ajuda a fazer perguntas e a estabelecer relações que não são claras *a priori*.

Por esta razão, ao invés de listar exemplos soltos de metonímia, recordo 3 questões do Vestibular da UERJ que tratam de metonímia, ou que levam à metonímia como resposta correta.

No Exame de Qualificação para 2020, no qual o livro *Hora de alimentar serpentes*, de Marina Colasanti, era a leitura indicada, uma das questões partia do pequeno conto da autora intitulado “Para começar”:

Desejou ter a beleza de uma árvore frondosa tatuada nas costas, copa espraiada sobre os ombros. Temendo, porém, o longo sofrimento imposto pelas agulhas, mandou tatuar na base da coluna, bem na base, a mínima semente.

Sobre esse pequeno conto, se perguntava:

QUESTÃO

18

Na narrativa, o desejo inicial e a decisão final do personagem podem ser relacionados por meio da seguinte figura de linguagem:

- (A) metonímia
- (B) hipérbole
- (C) antítese
- (D) ironia

O comentário da banca examinadora, a respeito dessa questão, foi o seguinte: “A metonímia é a figura de linguagem que toma a parte pelo todo ou o todo pela parte, numa relação de contiguidade. É esta relação metonímica que se estabelece na narrativa: o desejo inicial do personagem era tatuar a árvore, mas sua decisão final foi a de tatuar uma semente. Dessa forma, a árvore representa o todo do qual a semente é uma parte.”

Os candidatos devem reparar que a relação metonímica não se estabelece em uma frase qualquer que possa ser retirada do texto e do contexto, mas sim na própria narrativa. A personagem, com medo da dor no processo de tatuagem de uma árvore frondosa nas costas, prefere tatuar na base da coluna uma pequena semente, ou seja, a semente da árvore que ela desejava tatuada nas suas costas. Fica implícita, na narrativa, a esperança de que a tatuagem da árvore cresça sozinha, sem agulhas, a partir da tatuagem da semente.

A alternativa correta, então, é a letra (A): metonímia – a parte, a semente, é tatuada para gerar a tatuagem do todo, isto é, da árvore. Naturalmente, houve candidatos reclamando que “isso seria impossível”, sem atinar que o pequeno conto de Marina Colasanti é uma obra de ficção que, como toda obra de ficção, cria ou recria a realidade de acordo com as suas próprias regras.

No Exame Único para 2023, no qual o romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, era a leitura indicada, uma das questões perguntava:

QUESTÃO

09

As mulheres de Tony pertencem a diferentes grupos étnicos: Rami é rongá; Ju é changana; Lu é sena; Saly é maconde; Mauá é macua.

Em relação a essa diversidade, na representação cultural de Moçambique, cada uma dessas mulheres pode ser compreendida pela seguinte figura de linguagem:

- (A) antítese
- (B) hipérbole
- (C) metonímia
- (D) eufemismo

O comentário da banca examinadora, a respeito dessa questão, foi o seguinte: “A metonímia é uma figura de linguagem em que se representa o todo pela parte ou a parte pelo todo. Nesse

sentido, por exemplo, é possível dizer ‘estou lendo Paulina Chiziane’, quando, de fato, se está lendo não a pessoa Paulina Chiziane, nem toda a obra literária da escritora Paulina Chiziane, mas apenas um de seus romances. Em *Niketche*, todo o conflito se desenvolve em torno de Tony e suas cinco mulheres, que vêm de diferentes partes de Moçambique, país fortemente marcado pela pluralidade étnica. Pode-se dizer que Moçambique é apresentado, portanto, por essas cinco personagens, que formam uma espécie de mosaico. Cada uma delas representa uma etnia, e as particularidades culturais e geográficas desses grupos são debatidas, ao longo da narrativa, por meio da ação das próprias personagens.”

Novamente, os candidatos precisam reparar que a relação metonímica não se estabelece em uma frase qualquer que pudesse ser retirada do romance, mas sim na função dos personagens na própria narrativa. O personagem de um romance pode representar, metonimicamente, as diferentes etnias de um país, como no romance em questão.

Da mesma forma, o personagem de um romance pode representar, metonimicamente, o Bem em si, como acontece com aqueles que ocupam a função narrativa de heróis, ou o Mal em si, como acontece com aqueles que ocupam a função narrativa de vilões.

Por fim, no Exame de Qualificação para 2025, no qual o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, era a leitura indicada, uma das questões perguntava:

Questão
10

Em *Quincas Borba*, os personagens se movimentam no contexto de emergência do capitalismo no Brasil.

Em relação a esse contexto, o protagonista Rubião pode ser melhor identificado pela seguinte figura de linguagem:

- (A) antítese
- (B) hipérbole
- (C) eufemismo
- (D) metonímia

O comentário da banca examinadora, a respeito dessa questão, foi o seguinte: “De acordo com o comando da questão, o personagem Rubião deve ser analisado em relação ao contexto de emergência do capitalismo no Brasil, na segunda metade do século XIX, e não em relação às mudanças por que passa em sua trajetória de vida. Machado de Assis mostra, desde o primeiro parágrafo da narrativa, que seus personagens se movem no contexto do surgimento do capitalismo no Brasil. Como a metonímia é a figura de linguagem em que a parte pode representar o todo, Rubião, o personagem principal, é ele mesmo uma metonímia desse capitalismo emergente, a saber, o indivíduo que representa todos os capitalistas e todo o capitalismo. Com seu fascínio pela ostentação e seu afã de enriquecer a qualquer custo e o mais rápido possível, Rubião encarna não apenas as benesses do capitalismo, como a possibilidade de ascensão social de um indivíduo

comum, mas também, e principalmente, as mazelas desse mesmo capitalismo – como, por exemplo, a possibilidade de queda desse mesmo indivíduo. Com essa metonímia, Machado faz uma das primeiras críticas radicais ao capitalismo, entendendo-o como uma estrutura que, ao final, devora os seres humanos que nela apostam. Esse tipo de metonímia amplia aquela que se limita a pontualmente substituir a parte pelo todo ou o todo pela parte, como em ‘depois de me formar, quero ter o meu próprio teto’. O termo ‘teto’, parte de uma casa, é utilizado no lugar da palavra casa, isto é, do todo. Quando um determinado personagem de romance representa mais do que ele mesmo – por exemplo, o bem, o mal, todos os negros, todas as mulheres, ou, como no caso, todo o capitalismo –, configura-se uma metonímia mais ampla.”

Esta questão se mostra semelhante àquela que vimos a respeito do romance de Paulina Chiziane. Nela, os candidatos também precisam reparar que a relação metonímica não se estabelece em uma frase qualquer que possa ser retirada do romance, mas sim na função dos personagens na própria narrativa. Assim como o personagem de um romance pode representar, metonimicamente, tanto as diferentes etnias de um país quanto o Bem ou o Mal em si, ele pode representar todo um sistema sócio-econômico intrinsecamente perverso, como o capitalismo.

Comprova-se, dessa maneira, que a compreensão da metonímia é, sim, da ordem da sociologia e da filosofia, abrangendo da ética – isto é, a reflexão sobre valores morais – à metafísica – isto é, à reflexão sobre a essência das coisas e das pessoas.